

# O Papel da Bigamia na Canaricultura

José Luiz Almzalak

Este artigo visa esclarecer para os novos criadores o emprego da bigamia e de como tal prática possibilita a obtenção de um bom nível de qualidade em seus plantéis com um custo mais viável. Sempre é bom alertar os interessados, entretanto, que tal sistema não é o mais prático, pois manter um número menor de reprodutores machos também significa despende maior tempo em manejo.

Sem dúvida, o artigo que se segue não é novidade, já que o amigo Álvaro Blasina publicou no boletim nº 31 da FOB, de junho de 90, um artigo defendendo a bigamia.

De um modo geral, o emprego de um macho para duas ou até cinco fêmeas (como é utilizado na Itália por alguns criadores) possibilita um investimento menor em aves de excelente qualidade, mas exige maior atenção e cuidado da parte do criador. Já ouvimos de jovens criadores, aliás como é o nosso caso, que o esquecimento de mudar um macho de gaiola num determinado período do dia, gerou ovos brancos. Mas tudo isso é um risco previsto, pois a bigamia exige maior dedicação tanto do seu criador e de seu tratador.

Para facilitar, quando um leigo trabalha junto do plantel, sugerimos que se corte as penas do rabo do macho em linha reta ou que se empregue anilhas plásticas da mesma cor para cada grupo de fêmeas e para o macho que está sendo utilizado. Em nosso caso, preferimos o segundo sistema. Caso o tratador não saiba separar o macho das fêmeas, o que não é raro acontecer, é aconselhável utilizar um anel de cor única para todos os machos do plantel.

De um modo geral, a grande maioria dos criadores brasileiros emprega o método tradicional, mantendo o casal fixo durante todo o período de cria. Muitos acreditam que os filhotes são melhor tratados quando a fêmea é ajudada pelo macho.

Não acreditamos que isso seja uma verdade indiscutível, já que muitos machos sequer aproximam-se dos filhotes. Ao contrário, costumam até atrapalhar, quando tentem galar a fêmea acabam derrubando ovos ou esmagando filhotes. Outra alegação comum entre os defensores do casal fixo é de que, quando o macho é

retirado, certas fêmeas deixam de tratar sua prole ou abandonam mesmo o ninho. Na bigamia, isso não ocorre, já que o macho deve ser retirado definitivamente quando a fêmea deposita o quarto ovo. Além disso, uma fêmea que não trata os filhotes ou abandona-os por qualquer motivo, não está apta para a criação e deve ser descartada.

É interessante mesmo alertar para o fato de que os criadores italianos não empregam forro fixo ou descartável, como fazemos, pois acreditam na máxima de que uma fêmea que não tece seu ninho com estopa, não será uma boa mãe. A experiência própria tem-nos demonstrado que isso também é uma verdade.

Em uma de nossas viagens pela Europa, no mês de fevereiro de 1995, período de acasalamento na Itália, observamos que grande parte dos criadores aplicam o método da bigamia. Em outubro de 1994, ouvimos vários criadores italianos falarem de seu sistema de acasalamento. Mas como nem tudo que se ouve, é aplicado da maneira que se fala, aproveitamos nosso período de férias em fevereiro para ver "in loco" um pouco da grande experiência desses grandes criadores.

O mês de fevereiro na Europa, ainda bastante frio, é utilizado para a seleção final do plantel e para o acasalamento. Tivemos o prazer de acompanhar ambos os processos.

Normalmente, são reservados dois machos muito parecidos para um grupo de cinco fêmeas também bem semelhantes. Cada um deles passa por todas elas, evitando-se que um falhe e ovos brancos já na primeira rodada. Caso este falhe, recomeça-se com o outro na rodada seguinte.

Em nossas conversas com esses criadores italianos, todos adeptos há muitos anos do emprego da bigamia, descobrimos que o grande sucesso (média de ovos férteis bastante elevada), depende da preparação e manutenção do macho, que é retirado da última fêmea antes de anoitecer e descansa até a manhã seguinte numa pequena gaiola colocada sobre as demais.

Antes de empregarmos dados retirados de pesquisas mais recentes sobre a bigamia, é bom que

